

Sobrevivendo na Internet

Surviving on the Internet

Cristiane Zovin¹

Procuro vida fora do âmbito virtual, mas é quase impossível não ceder aos encantos digitais. Ainda tento redigir meus textos a mão, para me sentir mais vinculada a eles, a mim mesma que vai para o papel. Mas a máquina me chama, não mais como ferramenta que torna meu texto mais alinhado, mas como parte de mim que agora tem uma identidade virtual. Nicholas Carr nos ajuda a entender o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Convido a todos para esta viagem, um tanto sem destino, mas importante para nossa (sobre)vivência na atualidade.

Palavras-chave: Internet, Identidade, Plasticidade cerebral, Comunicação

I'm looking for life outside the virtual context, but it is almost impossible not to give in to digital delights. I still try to handwrite texts, to feel more connected to them, to myself on the paper. But the machine calls me, not as a tool that makes more aligned my text, but as a part of me that now has a virtual identity. Nicholas Carr help us understand what the Internet is doing to our brains. I invite everyone to this trip, somewhat with no destination, but important for our survival nowadays.

Keywords: Internet, Identity, Brain Plasticity, Communication

¹ Doutoranda e Mestre em Comunicação pela Universidade Paulista – UNIP.

Em plena era *touch*, repleta de teclas sensíveis ao toque ou mecanismos que respondem à voz, inicio um relato sobre a obra de Nicholas Carr (2011) escrevendo num caderno. Em todos os meus textos, dos esboços às correções e, destas, ao documento finalizado, sigo o mesmo ritual: caneta e papel. Me sinto mais vinculada ao que estou redigindo desta forma: me parece o computador apenas uma ferramenta que me auxilia a formatar o material, a ter um padrão de estético de apresentação. Esta foi uma das razões que me fizeram escolher o livro de Carr para desenvolver o relato de experiência. Um segundo motivo, antagônico, também teve relevância: simultaneamente ao pensar o computador como máquina/ferramenta, um mero serviçal, também cedo a seus comandos quando me é difícil, para não dizer impossível, conseguir digitar sem estar conectada à Internet. Estar *offline* é quase como ter somente um braço. Como coloca M. Castells, “[...] a galáxia da Internet é um novo ambiente de comunicação” (2003, p. 225), logo como ficar fora deste ambiente tão sedutor? Desesperador. Para Carr, logo no começo da obra, o deslumbre ou a perturbação que nos afaga ao navegarmos é tão profundo que não notamos o que ocorre dentro de nossas cabeças. Se Carr, ao citar McLuhan, coloca que os “meios elétricos” do século XX (telefone, rádio, televisão e cinema) “estavam rompendo” com o poder do texto sobre nossos pensamentos e sentidos, nos envolvendo numa aldeia global, portanto integrados, imaginemos o quão pertencente à atual sociedade sente-se o homem que está *online*. Assim ao explicitar, “cada novo meio, nos modifica” (McLuhan *apud* Carr, 2011, p. 14), o autor nos dá uma prévia do que trata esta obra: show de imagens que nos devoram a cada clique e em qualquer lugar: a Internet está, hoje, na palma da mão de cada um de nós. Porém, onde está nosso cérebro? De antemão, Carr deixa nítido o quanto perturbador é a falta de concentração para ler/absorver um texto na contemporaneidade. Tarefa praxe de outrora, o autor explica que não consegue manter seus pensamentos alinhados com o que lê e que precisa, muitas vezes, trazer seus pensamentos de volta, pois sente-se inquieto. Ele credita esta condição às muitas horas que passa conectado

absorvendo todo e qualquer tipo de informação e, desta maneira, remoldando o seu pensar. *Online* ou não, Carr explica que se anteriormente mergulhava nas palavras, agora somente resvala sobre a superfície. Paralelamente ao que o teórico afirma, penso na minha condição como docente e discente. Lembro-me de como eram mais densas minhas leituras quando estava na faculdade: não havia Google para pesquisas, aliás, não havia Internet tão acessível como há hoje em dia. Quando consegui instalá-la em meu computador pessoal, tinha apenas um pequeno período diário disponível para acesso. Tudo era tão novo e cativante! Conseguir permanecer conectada significava sorte (pois o sinal era bastante lento e precário), as salas de bate papo repletas de curiosos e a ânsia por conhecer novos sites cresciam a cada conexão. Hoje, o excesso de informação faz com que o internauta precise pular de uma página à outra, de modo a filtrar o que realmente ele deseja como resposta a determinada pesquisa (isso se ele se lembrar de qual pesquisa inicialmente tinha se proposto a fazer). Carr aponta que as pessoas usam a Internet para fins diversos: compulsivamente mantêm contas em inúmeros serviços *online*, criam e seguem blogs, estão presentes nas redes sociais... Outras não se atualizam tanto, mas ainda assim permanecem conectadas boa parte do tempo via desktop, laptop ou smartphones. Resumidamente, ele sublinha que a Internet, em somente 20 anos, tornou-se “o meio de comunicação e informação de predileção universal” (2011, p. 23). Para o autor, nossa mente tranquila está sendo substituída por uma “nova” mente, que precisa incessantemente adquirir informações em ciclos cada vez mais curtos e rápidos. Ele utiliza a descrição do professor de jornalismo J. Battelle acerca desta situação: “quando estou realizando uma série de atividades em tempo real durante horas seguidas, sinto o meu cérebro se acender, como se estivesse ficando mais inteligente”, diz o docente (Batelle, 2011, p. 23-24). Carr acrescenta que a maioria de nós já experimentou esta sensação intoxicante. Realmente, sinto que sou mais produtiva quando realizo várias tarefas *online* simultaneamente, ao passo que, se apenas estou digitando e ociosa em relação à navegação ou ainda executando qualquer outra atividade, mas *offline*, não sinto que

pertenço ao universo virtual global – quer dizer, além de estar perdendo tempo, “não existo”. Mas essa história não cabe apenas a mim. Faz parte da vida de todos nós.

Carr trata de experimentos técnicos acerca do cérebro humano e uma possível neuroplasticidade. O autor rearranja relatos de vários neurocientistas de modo a nos demonstrar a maleabilidade cerebral. Mas, obviamente, no início das pesquisas essa era apenas uma suposição. Biólogos e neurologistas, apesar do avanço das pesquisas no século XX, acreditavam que a estrutura de um cérebro adulto jamais poderia ser alterada, ou seja, a tal da “maleabilidade” só existiria na infância, de modo que ao alcançarmos a maturidade, “a rede de circuitos teria se fixado” (2011, p. 37). Para estes estudiosos, o cérebro seria equivalente a um alicerce de concreto (após delineado e rígido, não seria mais possível a criação de novos neurônios ou circuitos) e, com a evolução etária, estaria fadado a decomposição “à medida que o corpo envelhece e as células nervosas morrem” (2011, p. 38). Para Carr, o entendimento do cérebro adulto como um aparelho imutável se desenvolveu na era industrial, a qual representava o cérebro como uma máquina, constituída por partes específicas que tinham sua função de modo a contribuir para o funcionamento do todo. Entretanto, havia um grupo de cientistas que acreditava na plasticidade cerebral. Entre eles, Young, que sustentava que as células cerebrais se desenvolvem e tornam-se maiores com o uso, se atrofiando com o desuso. Em 1968, o neurocientista e professor emérito M. Merzenich^{II} inicia seus estudos sobre plasticidade do cérebro através de pesquisas com crânios de macacos. Após seus experimentos, descobriu que realmente o cérebro poderia se reorganizar. Mas foi apenas após 1983 que suas pesquisas começaram a ter força no mundo neurológico. Outros cientistas confirmaram os estudos de Merzenich e ainda acrescentaram que todos nossos circuitos neurais são

^{II} Michael Merzenich, professor da Universidade da Califórnia, é considerado pioneiro nos estudos de plasticidade cerebral. Seus estudos focam aprendizado, plasticidade e reabilitação do cérebro há mais de 3 décadas (Fonte: <http://www.positscience.com/why-brainhq/world-class-science/dr-michael-merzenich>).

suscetíveis a transformação, quer eles estejam relacionados ao ver, sentir, ouvir, pensar, notar, entre outros. É fato que a plasticidade minimiza ao envelhecermos, mas continua a existir. Carr explica que “nossos neurônios sempre estão rompendo antigas conexões e formando novas [...]” (2011, p. 46). Desta forma, o autor explica que as cadeias de neurônios interligados constituem os verdadeiros circuitos vitais da nossa mente.

A nossa plasticidade cerebral também foi responsável por organizar duas filosofias conflitantes ao longo dos séculos: empirismo e racionalismo. Ao mesmo tempo que o empirismo afirma que o homem é resultado da cultura, o racionalismo apregoa que nascemos com modelos mentais inatos. Para J. Le-Doux^{III}, neurocientista de Nova York, a natureza e a cultura se complementam, contribuindo para o desenho sináptico^{IV} do cérebro.

Outra questão acerca da plasticidade cerebral foi fundamentada ao estudar pessoas com membros amputados. Carr pontua que os locais dos cérebros das pessoas que haviam registrado as sensações dos membros amputados são rapidamente solicitadas pelos circuitos que registram sensações de outras partes do corpo. Alguns cientistas questionaram-se se a plasticidade não estaria então relacionada a situações extremas ou a um processo de cura. Mas estudos posteriores demonstraram que mesmo em sistemas sãos, há existência de neuroplasticidade. Pascual-Leone, neurofisiologista e professor de neurologia de Harvard, afirma que a plasticidade é um estado normal do nosso sistema nervoso. Há uma constante modificação e (re)adaptação do nosso cérebro referente às nossas experiências e comportamentos (2011, p. 52). Isso significa que não estamos restritos

^{III} Neurocientista, professor de neurociência e psicologia da Universidade de Nova York, J. LeDoux também dirige um centro especializado em pesquisar comportamentos de animais para compreender patologias humanas como ansiedade e medo. Disponível em: <http://www.cns.nyu.edu/ledoux/Ledouxlab.html>, consulta em 01.06.2013.

^{IV} Sinapse é o lugar no qual impulsos são transmitidos de um neurônio para outro. Os impulsos nervosos são inicialmente estimulados por uma mudança no ambiente do neurônio, que pode ser química, de pressão ou de temperatura (G. Thibodeau & K. Patton, 2002, p. 171).

ao que está gravado geneticamente e nem às experiências que tivemos durante a infância. Carr afirma que nossos modos de pensar, perceber e agir são alterados de acordo como vivemos e como Nietzsche afirmava: “através dos instrumentos que usamos” (2011, p. 53). Desta forma, não apenas ações físicas podem remodelar nosso circuito cerebral, mas também ações mentais. Nesse contexto, creio que é por isso que, mesmo após ter saído de um extenso período trabalhando *online*, ainda sentia que estava conectada à Internet. Da mesma maneira, inúmeras matérias sobre relaxamento ensinam a não utilizar o computador, ao menos, 1 hora antes de dormir. Portanto, podemos concluir que tanto bons quanto maus hábitos influenciam nosso redesenho neural. Pascual-Leone aponta que não necessariamente as modificações plásticas significam um ganho comportamental para o sujeito (Pascual-Leone *apud* Carr, 2011, p. 57). Mas, como relacionar ao cérebro tamanha capacidade sensorial já que quando tocado não surte sensação alguma? Carr explica que a moderna parafernália tecnológica que dispomos (scanners, microscópios e sensores) fundamenta a nossa função cerebral. Para o autor, simultaneamente à nossa ciência de que o cérebro é um aparato de captação sensível de experiências, queremos crer que tudo que é captado e armazenado não deixa algum vestígio físico. Por isso, para Carr, parecia absurdo pensar que mexer num computador, uma simples ferramenta, pudesse alterar de qualquer modo o que estava ocorrendo em sua cabeça. De fato, estava, pois o cérebro está em constante construção.

Sequencialmente o autor desenvolve uma reflexão sobre como a cartografia contribuiu para a evolução do pensamento abstrato. O autor coloca: “o mapa é um meio que não apenas armazena e transmite informações, mas também incorpora um modo particular de ver e pensar” (2011, p. 65). Esta “tecnologia” cartográfica proporcionou ao homem uma mente nova, com maior poder de assimilação do que ocorre em seu entorno, pois trata-se de transformar a experiência com o espaço em uma abstração do espaço (Virga *apud* Carr, 2011, p. 65). Da mesma forma que o estudo cartográfico fez com espaço,

promovendo entendimento intelectual de algo tido como natural, o relógio fez com o tempo. A necessidade de mensurar o tempo começou com os monges cristãos na segunda metade da Idade Média, que pautavam seu cotidiano através de uma programação de orações. Aos poucos, a necessidade de parcelar o dia a dia estendeu-se a toda a sociedade, de modo a controlar a produtividade. D. Landes em seu aclamado livro “*Revolution in time*” pontua que a personalização do tempo foi um grande estímulo para o individualismo, aspecto relevante da cultura ocidental^V (Landes, 2000, p. 92). Mapa ou relógio, arado ou pílula anticoncepcional, Carr acrescenta que toda tecnologia é produto da vontade de controle e poder do homem. No caso exclusivamente do mapa e do relógio, Carr classifica que trata-se de uma categoria de tecnologia intelectual, bem como a máquina de escrever, o computador e a Internet (2011, p. 70). Neste aspecto, as ferramentas (ou aparelhos) que utilizamos trabalham como nossas mentes enquanto nossas mentes trabalham com elas, acrescenta o autor. Logo, esta colocação pode ser relacionada à conceituação de V. Flusser no que diz respeito aos aparelhos e àquele que os manejam, os funcionários: aparelhos são brinquedos que simulam um tipo de pensamento e funcionários são as pessoas que brincam com os aparelhos e agem em função dele! (Flusser, 1985, p. 05). Todas as tecnologias intelectuais modificam o modo como falamos, escutamos e desenvolvemos tarefas; quanto mais repetidas vezes que utilizarmos os aparelhos, mais influência em nossas sinapses, (re) construindo caminhos neurais.

M. Wolf (*apud* Carr, 2011, p. 93) salienta que um “leitor proficiente desenvolve regiões cerebrais especializadas voltadas para decifrar rapidamente um texto”. Carr também mostra que os leitores, além de eficientes, tornaram-se também mais atentos. Para o teórico, a capacidade de concentração é algo difícil de ser alcançado para o ser humano, dado que

^V “[...] *privatization (personalization) of time was a major stimulus to the individualism that was an ever more salient aspect of Western civilization*” (Landes, 2000, p. 92, tradução nossa).

nossa predisposição é prestar atenção em várias coisas ao mesmo tempo (mesmo porque esta característica fazia parte do processo de proteção e sobrevivência). Logo, ler de forma linear requeria atenção contínua por parte do homem. Tarefa um tanto complexa, mas que proporcionava uma “viagem” ao leitor, afinal ler é crescer tanto humana como culturalmente (G. Perissé, 1996, p. 09). J. Morais (1996) amplia o conceito de leitura, vejamos o que o autor nos diz:

Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar [...] (1996, p. 12).

Baitello Jr. acrescenta que a leitura traz um tipo de sedação, quer dizer, ativa o caminho das imagens endógenas e demanda tempo para sua decifração e assimilação (2012, p. 62). Ao escritor, as mudanças na escrita também trouxeram benefícios, pois eles poderiam redigir seus textos com mais propriedade do que quando faziam uso do ditado aos copistas profissionais. O material escrito, enfim, começava a ser mais bem elaborado, sem redundâncias comuns ao texto ditado. Porém, apesar dos avanços da leitura silenciosa nas universidades e bibliotecas, ainda era preciso tornar o livro um meio de realização intelectual mais em conta. Neste contexto, Gutenberg, em 1445, foi quem inventou a prensa tipográfica, uma contribuição histórica extremamente importante que tornou mais abrangente a comercialização dos livros. Além disso, a China, através da invenção do papel, também auxiliou neste processo de barateamento.

Para Carr, mesmo com a acessibilidade da população aos livros, não eram todos que haviam incorporado a prática: pobres, analfabetos, desinteressados não compartilhavam desta conquista. As antigas práticas de oralidade também, de certo modo, perduravam e baseavam-se na abundância de textos cf. Eisenstein. Sem dúvida, Carr mostra as profundas

revoluções sociais e culturais alcançadas pela escrita/leitura, proporcionando um compartilhamento de pensamentos e informações nunca visto anteriormente. Há um vínculo “simbiótico” entre o leitor de livro e o escritor, pondera Carr (2011, p. 102).

É relevante frisar que hoje, o homem está desviando-se para o uso da revolução eletrônica, à medida que o computador torna-se nosso fiel companheiro e a Internet um meio favorito de trocar informações. Carr fundamenta que o mundo telânico^{VI} não é o mesmo mundo da página e isso acarreta fatalmente mais uma remodelação cerebral. Baitello Jr., neste aspecto, coloca que estas telas (da TV, computador e cinema) são janelas sintéticas, minimizando nossa visão de mundo (2012, p. 52).

Para o autor, a Internet abrange nosso cotidiano: virou nossa máquina de escrever, a nossa prensa, telefone, relógio, calculadora, correio, biblioteca, rádio, TV, banco, escola, lojas e mais um sem número de serviços. Primeiramente, o fator que preocupava era a velocidade dos computadores, o que passou a ser uma barreira temporária apenas. O progresso da web fez com que “centenas de anos” se condensassem em um par de décadas no que diz respeito aos meios de comunicação modernos. Escrever uma carta tornava-se, neste contexto, uma tarefa que exigia tempo, ao contrário do email, no qual a rapidez de transmissão das palavras reinava soberana. Pouco a pouco, foi possível também anexar imagens às páginas da web (com baixa resolução no início, fato que foi corrigido velozmente). A Internet passou a assumir também trabalhos de som e vídeo. Da mesma maneira que aconteceu com as imagens, inicialmente o resultado apresentado era muito prematuro, mas de modo vertiginoso alçou patamares altos de qualidade. A bidirecionalidade da web é sua característica mais importante. Além da gama de serviços oferecidos (já citada neste texto), a Internet conecta pessoas e, a cada dia, estas passam

^{VI} Mundo telânico ou “tudo tela” é uma expressão utilizada por G. Lipovetsky (2009) relacionada à combinação do grande espetáculo, das celebridades e do divertimento da sociedade hipermoderna.

mais tempo *online*. Brasileiros, por exemplo, atingiram o terceiro lugar na pesquisa sobre “tempo gasto na web” realizada pelo Ibope Media^{VII}, seguidos por Japão e Estados Unidos, em primeiro lugar. Mas engana-se quem afirma que estes internautas substituíram as horas despendidas diante da TV pela Internet. O autor constata que as pessoas passaram a assistir mais TV, ao passo que a mídia impressa foi a mais prejudicada, pois ler, sim, tornou-se tarefa prioritariamente realizada *online*. Realmente jornais, revistas e livros já não têm a mesma participação em nosso cotidiano, pois agora temos informações digitalizadas. Quem, por exemplo, procuraria embasar suas pesquisas em dados consultados numa enciclopédia? O autor sublinha: “substituímos nossas ferramentas especializadas por um meio polivalente” (2011, p. 127). Ele acrescenta que as antigas tecnologias não desapareceram, mas perderam sua força econômica e cultural. É o caso do livro. Suas vantagens ainda residem na facilidade de leitura e assimilação. Podemos manusear, grifar, tecer comentários e fluir com mais foco quando lemos um livro. Tanto é que os livros eletrônicos não vingaram até hoje. Mas, de acordo com o autor, isso é questão de tempo. A tecnologia está melhorando a forma de visualização dos textos, fazendo com que se chegue próximo ao texto em papel. A fonte, no caso dos e-books, também pode ser aumentada e comentários são facilmente inseridos através dos marcadores eletrônicos. Os leitores eletrônicos já sustentam uma “biblioteca inteira” tamanha a capacidade de memória que passaram a ter (2011, p. 143). O grande problema relatado, e que todos nós, seres *online* mortais passamos, é, sem dúvida, a falta de concentração ao ler um e-book. A quantidade de hiperlinks ou outros atrativos presentes *online* faz com que não mergulhemos no conteúdo em si, Carr explica que isso joga “o leitor para lá e para cá” (2011, p. 147). Mudando a forma de leitura, mudaremos nossa forma de escrita. Caso interessante remete à popularidade dos “romances de celulares” que surgiram no Japão: mensagens de texto compartilhadas e comentadas por várias pessoas

^{VII} Fonte: www.ibope.com.br, acesso em 25.05.2013.

transformaram-se em histórias de sucesso e posteriormente foram lançadas em livros impressos. Outro exemplo interessante que Carr comenta é sobre a arquitetura modular desenvolvida em livros impressos: por meio dela, o leitor pode ler páginas autônomas ou em módulos, sem perder o conteúdo integral oferecido pelo livro. Há também editoras que estão inserindo em seus e-books, vídeos, transformando-os em “vooks”. Todas estas situações explicitam como não é mais possível a linearidade textual. O autor propõe também a característica provisória do livro eletrônico. Dado que seu texto não é permanente, ele pode ser atualizado ou alterado automaticamente.

O modo como as pessoas leem – e escrevem - já foi alterado pela net, e as mudanças, continuarão à medida que, lenta mas indubitavelmente, as palavras forem extraídas da página impressa e imersas na ‘ecologia de tecnologias de interrupção’ do computador” (CARR, 2011, p. 154).

Sem dúvida alguma, “o nosso cérebro está sendo maciçamente remodelado” pela exposição à Internet. Isso se relaciona às antigas versus novas tarefas que realizamos dia após dia: ganhamos novas habilidades ao pesquisar em web pages, por exemplo, porém perdemos a capacidade de concentração ao ler um livro ou ainda ao saltitar entre páginas *online* perdemos também o foco. Carr explica que os neurônios não utilizados enfraquecem e se “reciclam” para ceder vez ao que é usado com mais frequência.

No que tange à leitura de livros versus navegação na Internet, diversos estudos foram realizados. Pesquisadores mapearam as diferentes atividades cerebrais pertinentes a cada uma destas tarefas e concluíram “os leitores de livros têm muita atividade em regiões associadas com a linguagem, memória e processamento visual [...]” (2011, p. 169), porém não possuem grande poder de decisão ao resolver problemas. Já os que navegam, exercitam exaustivamente todas as regiões cerebrais, mas, como já apontamos anteriormente, esta característica diminui consideravelmente a capacidade de

concentração. Carr complementa que a leitura rápida de determinado texto, “ler por cima” ou “passar os olhos” como costumamos dizer, não significa que é menos importante do que ler profundamente, porém o que aflige é que o modo de leitura rápido vem se tornando majoritário nos dias de hoje.

Ao longo da obra, Carr ressalta que ainda é preciso percorrer uma longa estrada para o absoluto entendimento dos mecanismos da memória humana, mais do que isso, pontua o autor, cada um de nós possui sua memória ajustada segundo o ambiente a que está inserido. Considera-se a memória humana como algo “vivo”, enquanto que a memória do computador não continua a processar informação após tê-la recebido. Carr também coloca que a nossa memória biológica se transforma segundo as mudanças que ocorrem com o nosso corpo – processo que gera novas sinapses como foi explicado neste relato. Isso significa para LeDoux, que a memória necessita constantemente ser atualizada, fato que difere totalmente da memória maquina, que apresenta-se estática (LeDoux *apud* Carr, 2011, p. 261). Podemos guardar novas memórias sempre em nosso cérebro (diferente do computador, a capacidade cerebral é ilimitada). Mas o desafio é como fazer com que a memória persista? Para Carr, o mote é “atenção” (2011, p. 264) – o problema atual é que quanto mais utilizamos a web, mais perdemos o foco, mais imperamos o convite ao nosso cérebro: “seja distraído”. A nossa dependência dos bancos de dados *online* tornou-se brutal e não conseguimos mais viver sem esta condição – o que me parece ainda mais assustador.

Sempre fui uma leitora voraz, mas me parece um tanto penoso conseguir chegar até o final de um livro sem desviar a atenção (característica tantas vezes mencionada). Mesmo Carr, demonstra sua dificuldade em deixar de monitorar emails e notícias *online* frequentemente. Sem dúvida, já incorporamos algo como o “web saltitar” a outras tarefas do nosso cotidiano. Por diversas vezes tentei redigir artigos e outros trabalhos diretamente no notebook, mas com as inúmeras janelas *online* acenando para mim, preferi retornar ao

meu antigo método de absorver o contexto e escrever em papel. Trabalhoso sim, porém mais produtivo. De fato, a “máquina” passa a mediar também as atividades que permeiam a vida das pessoas (aprendizado, relacionamento e pensamento). Weizenbaum afirma que ao introduzir o computador nas atividades humanas podemos criar um compromisso irreversível, de forma que o computador possa impor “sua vontade” em relação às atividades desenvolvidas (2011, p. 281). A única maneira de “vencermos” a máquina é, de acordo com Weizenbaum, ter autoconsciência e coragem para recusar a delegar aos computadores as atividades mentais e intelectuais que nos constituem como humanos. Entretanto, é nítido que apreciamos quando um programa ou website se apresenta como “amigo”. Heidegger já afirmava, na década de 1950, que o delírio da tecnologia se imbricaria por toda a parte, assim estaríamos trocando nossa inteligência por uma “inteligência artificial”? (2011, p. 301-305). Talvez. Mas a certeza que podemos ter é que ao surfar virtualmente nas imagens provenientes de toda a parafernália tecnológica: computadores, notebooks, smartphones, entre outros, o homem, hoje, apresenta-se anestesiado (Baitello Jr., 2012, p. 24). Em tempo: meu leitor de e-books está lacrado desde que o ganhei, há quase 4 meses. Sobreviverei?

Referências:

BAITELLO JR., N. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Paulo: Unisinos, 2012.

CARR, N. **A geração superficial**: o que a Internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.

LANDES, D. S. **Revolution in time: clocks and making of the modern world**. Cambridge: Belknap Press, 2000.

LIPOVETSKY, G. & SERROY, J. **A Tela Global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MORAIS, J. **A Arte de Ler**. São Paulo: UNESP, 1996.

PERISSÉ, G. **Ler, Pensar e Escrever**. São Paulo: Arte & Ciência, 1996.

THIBODEAU, G. & PATTON, K. **Estrutura e funções do corpo humano**. Barueri: Manole, 2002.

Webgrafia

<http://www.positscience.com/why-brainhq/world-class-science/dr-michael-merzenich>, acesso em 19.05.2013 às 15h.

<http://www.cns.nyu.edu/ledoux/Ledouxlab.html>

<http://topics.wsj.com/person/C/gordon-crovitz/5464>

<https://www.byliner.com/sam-anderson/stories/in-defense-of-distraction>

<http://www.ibope.com.br>